

ROCHE, Jean — *O Ensino do Português como Língua Estrangeira*. Lisboa, s. ed., 1967 (Separata da Revista OCIDENTE, Vol. LXXII pp. 65-79).

O Prof. Dr. Jean Roche, Diretor do Instituto de Estudos Luso-brasileiros da Faculdade de Letras de Toulouse, estudioso de assuntos brasileiros e presentemente preocupado com o ensino do português para estrangeiros, vem realizando, nesse sentido, trabalho merecedor de todo louvor. É com base em suas experiências que escreveu a comunicação sobre *O Ensino do Português como Língua Estrangeira*, levantando alguns problemas importantes referentes ao assunto. Inicialmente, responde a algumas perguntas de caráter informativo sobre onde se ensina o português, quem o faz, quem o aprende, inserindo as questões no quadro mais amplo da organização do ensino de Letras nas Faculdades francesas. Mas como tal esquema estava em vias de ser alterado, em virtude das reformas a serem implantadas a partir de outubro de 1966 e 1967, J. R. (em setembro de 1966) preocupa-se em avaliar de que forma tais modificações alterariam a situação vigente: segundo prevê, o ensino do português — que já não era feito em condições ideais, comparado com outras línguas estrangeiras, sobretudo o espanhol — sofreria um abalo sério, somente recuperável se fosse introduzido no curso secundário, abrindo então perspectivas práticas para os universitários franceses.

Finalmente, sempre com base no trabalho de sua equipe, o A. coloca as soluções que encontrou para o ensino do português como língua estrangeira, salientando, sobretudo, os aspectos de língua literária, língua falada, sobre o qual insiste particularmente, e a diferenciação entre o português de Portugal e do Brasil. — N. P. C.

MASSA, Jean-Michel — *Machado de Assis Traducteur*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1966 (Separata do Vol. IV das ACTAS do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiro), 11 pp.

Em *Machado de Assis Traducteur*, Jean-Michel Massa, baseado em longas pesquisas, estuda a evolução das traduções do romancista, confrontando textos e traduções. A interpretação dos dados assim obtidos — apresentada de maneira sucinta, porque um trabalho mais amplo deverá seguir-se a este — é feita no sentido de melhor explicar a obra de ficção de Machado de Assis. O ponto de partida é a cronologia das traduções, pois ela nos faz sentir a evolução do pensamento e dos processos técnicos e expressivos do artista.

A primeira fase — de 1855 a 1861/2 — situada em plena adolescência, revela preferência por textos que tocam a sensibilidade ainda romântica do tradutor. O que conta é a afinidade entre as traduções e sua própria produção literária. A segunda fase — de 1861/2 a 1870 — caracteriza-se pela busca da perfeição formal, ao mesmo tempo que espelha a evolução da obra de M. A. no sentido de uma preocupação maior com a mensagem que transmite ao leitor. Na terceira fase — de 1870 a 1894 — as traduções rareiam, tornam-se cada vez mais de circunstância (e inclusive menos literais), ganhando, contudo, em amadurecimento e perfeição formal que revelam o estudioso de problemas estéticos. Nesta última fase, "le traducteur devient écrivain. Traduire c'est aussi créer." (p. 10).

Concluindo, J-M. M., baseado nesse estudo comparativo, faz um balanço dos conhecimentos que M. A. tinha das línguas estrangeiras. Lança, assim, uma hipótese que traria novas possibilidades de pesquisa da obra do romancista: M. A. conheceria apenas rudimentos de inglês; sua ampla cultura no domínio anglo-saxão teria sido, portanto, obtida por via indireta, provavelmente através do francês, e apenas em obras vertidas do inglês para esta língua. Se a hipótese for confirmada, aos comparatistas se abre um novo campo de trabalho, conforme nos sugere o A. — N. P. C.